



Momento histórico: os últimos efetivos portugueses deixam Angola

Explosão de alegria

Beatriz Bissio

Sabe, esta chuva pressagia felicidade. Também em Moçambique choveu no dia da independência. O povo diz que é uma mensagem dos nossos mortos", nos comenta uma jovem militante do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde).

Para outros, a chuva simboliza as lágrimas dos colonialistas que não se resignam à perda irreparável de uma Angola tão rica. Presságio ou não, essas gotas são o batismo de uma jovem nação, cujo nascimento pôs fim a 500 anos de colonialismo português na África.

Acabávamos de desembarcar em Luanda, no dia 10 de novembro de 1975, às vésperas da independência de Angola e um mês e meio depois de havermos partido. Já no aeroporto era visível a diferença. Um enorme cartaz de Agostinho Neto, bandeiras do MPLA e uma sala repleta de delegações estrangeiras demonstravam um absoluto controle das forças populares num aeroporto que estava, até então, sob a direção portuguesa. A limpeza e a tranquilidade dos amplos corredores haviam deixado para trás as angústias e tensões dos meses que durou a ponte aérea para Lisboa, com a retirada maciça dos portugueses.

Pela manhã, muito cedo ainda, apreciando pela última vez a bandeira portuguesa no mastro da importante fortaleza que domina a Baía de Luanda, a população se dirigia a seus trabalhos. A mudança é radical: neste último mês e meio, a cidade "portuguesa" havia se transformado em uma urbe completamente africana, com o êxodo maciço da população

branca e a afluência à zona asfaltada da população negra, antes confinada nas ruelas de terra batida dos *musseques* (favelas).

Em lugar das antigas estátuas portuguesas, que o povo arrancou de seus lugares, os austeros pedestais ostentam hoje os símbolos do MPLA. Também os nomes das ruas começam a mudar e os heróis do império lusitano são progressivamente substituídos pelos comandantes mortos durante os 14 anos de luta pela libertação.

Clima de festa— O povo vive um clima de festa de alegria. Delegações estrangeiras haviam começado a chegar três ou quatro dias antes, preconizando um importante reconhecimento internacional ao governo do MPLA. Centenas de jornalistas de todas as partes do mundo — muitos deles amigos do MPLA desde os primeiros tempos — espalhavam-se pelos diversos hotéis.

O clima de festa não refletia, porém, alienação. O frente norte estava a somente 30 quilômetros da cidade e o povo seguia atento o desenrolar da luta. Internamente, a vigilância se acentuava na medida em que se aproximava a data da independência. "Há apenas 14 anos só os sonhadores tinham a convicção de que seríamos dirigidos por um presidente angolano e

Apesar dos combates encarniçados a 30 km de distância da capital, da falta de água e de comida, o povo deu-se as mãos para comemorar a independência de seu território, recebendo a chuva que caía como um sinal de boa sorte

AS GRANDES REPORTAGENS

hoje, estamos às vésperas de que isso se torne uma realidade. Por que havíamos de estar pessimistas hoje? A luta continua, porém a vitória é certa”, nos dizia uma militante dos velhos tempos, citando o lema do MPLA. Era um fato palpável que o povo sentia confiança em sua vitória e que, a partir disso, qualquer sacrifício era válido.

Nem uma só queixa ouvimos quando chegava ao fim o quarto dia de falta de água na cidade. O povo estava muito acima dessas vicissitudes. Nenhuma menção, tampouco, à escassez de alimentos. A cidade se compenetrava do clima bélico e as restrições naturais de uma guerra eram aceitas normalmente.

Partem os soldados portugueses – Um momento particularmente emocionante daquele 10 de novembro foi a despedida dos últimos soldados portugueses. Primeiro deram um longo passeio pelas ruas de Luanda, com os braços erguidos, num adeus definitivo e emocionante à última colônia de Portugal na África. Logo depois, já na ilha de Luanda, posaram para as objetivas dos fotógrafos de várias nacionalidades e receberam aqueles que os substituiriam a partir de então: os membros das Forças Populares de Libertação de Angola (Fapla).

Esses soldados tinham a exata noção de que o seu embarque, o do último contingente português em terras africanas, era o fim de cinco séculos de colonialismo. “Enquanto estivermos aqui, fizemos o possível para ajudar no processo de descolonização”, comentava um deles que se despedia de um amor angolano que não poderia levar com ele. Não nos ocultou, também, o seu desgosto por outros que, integrados hoje nas fileiras de mercenários ou atuando nos setores de direita dentro de Portugal, voltaram a sua frustração diante de uma realidade irreversível destruindo instalações de edifícios públicos de Luanda, sabotando o próprio Hospital Militar e destruindo equipamentos que hoje seriam vitais para a população angolana e para as dezenas de feridos que diariamente chegam das frentes de batalha.

Nasce a nação angolana – Quando caía a tarde do último dia de colonialismo, notava-se no ânimo de muitos a angústia da incerteza: seria o MPLA realmente capaz de declarar a independência com o controle absoluto da situação?

Apesar de tudo, o povo se dirigia organizadamente para o Largo 1º de Maio, situado no centro de Luanda, onde se realizariam as solenidades e as festas. O programa era cumprido normalmente e os tão alardeados bombardeios da cidade não se concretizavam.

Nos bairros periféricos da capital ou em zonas do interior, que não dispunham de meios de transporte para alcançar o local das solenidades, foram colocados alto-falantes e estrados com mastros de bandeira para que a proclamação da independência fosse realizada em cada um desses locais.

No Largo 1º de Maio, os lugares começavam a escassear. Poucos minutos depois da meia-noite os primeiros combatentes, armados de catanas – símbolo da primeira etapa da luta – acenderam a “chama eterna”, enquanto Agostinho Neto chegava ao palanque oficial em meio a grandes aclamações da multidão que se espalhava pela imensa praça.

Milhares de tiros lançados ao ar pelas Fapla, gritos de júbilo, abraços, canções e lágrimas estremeram o coração de todos os que ali se comprimiam. Um minuto de silêncio pedido pelo presidente em memória dos mortos pela liberdade e pela independência foi o mais sentido tributo a todos os companheiros ausentes e que não mais podiam viver aqueles dramáticos e emocionantes momentos. Muitas de suas esposas e mães choravam e eram amparadas por pessoas amigas.

A República Popular de Angola nascia marcada pelo júbilo popular, pela unidade de combate aos inimigos e pelo sacrifício comum coletivo que os engrandecia sobremaneira.

As celebrações tiveram seu ponto culminante às 11 horas do dia 11, quando a Câmara Municipal – e Lúcio Lara, em nome do Burô Político do MPLA – investiu Agostinho Neto como primeiro presidente constitucional da República Popular de Angola, e mais de vinte nações reconheciam o novo Estado e seu governo.

Nessa tarde, no desfile popular pela Avenida do Catete, novas emoções nos aguardavam. A maior delas quando as Fapla saudaram o presidente Neto. Porque, daquela vez, não se tratava de um desfile tradicional. As forças que ali marchavam estavam mobilizadas e haviam combatido horas antes na frente de batalha, a poucos quilômetros. Dali, voltariam para o combate, o que acentuava a densidade histórica da independência arduamente conquistada por Angola. ■



Os “pioneiros” tiveram um importante papel na guerra de libertação